

ZUENIR VENTURA

Lições da crise

Marcelo



aceitar que ela às vezes aparece entre os viciosos. A esperança é que a história não volte a se repetir agora. Outra marca desses escândalos é o fato de que o inimigo não mora ao lado, mas dentro de casa. Nunca a oposição no Brasil teve tão pouco trabalho para desmontar um governo que se tem auto-implodido. Getúlio Vargas, de onde estiver, deve ficar olhando para Lula com inveja, lembrando-se

de Carlos Lacerda, o demolidor de presidentes.

Meio como consolo, fala-se muito nos aspectos pedagógicos da crise. Afinal, alguma coisa de útil deve-se retirar sempre da adversidade. Independentemente do que acontecer hoje na CPI, devem sobrar lições para parlamentares, promotores e jornalistas que estão às voltas com essa tarefa delicada que põe em risco a reputação dos outros.

De minha parte, tenho algumas dúvidas em relação aos procedimentos do Ministério Público e da imprensa — à tagarelice de um lado e à busca do furo a qualquer preço de outro. Como fazer para que um instrumento pouco testado como a denúncia premiada, envolvendo negociação com bandidos, seja o começo e não a conclusão das investigações? Até onde pode ir a confiança na palavra de um condenado a 25 anos sem nada a perder? Como evitar que o jornalista, sem abrir mão da informação, seja manipulado por deputados, senadores e promotores?

■ ■ ■ ■ ■

Como prefeito, Cesar Maia é um aplicado repórter investigativo. Ah, se ele desse à cidade a atenção que dá ao seu blog.

Foram dois dias de calma e bonança em que governo e oposição comemoraram o que de certa maneira parecia ansiado por todos: a troca de elenco, de papéis e de clima político. Em lugar de valérios, delúbrios, doleiros e prostitutas, um personagem como Antonio Palocci que, além da credibilidade, passou para o país tranquilidade — pelo menos até que chegue à CPI dos Bingos o imprevisível na pessoa de Rogério Buratti, ex-amigo, ex-assessor e delator premiado. Teme-se que ele vá carregando revelações explosivas presas à cintura.

Alguém já disse que a imprevisibilidade é a marca dessa crise — tudo pode acontecer. Como no famoso pleonasma cantado por Johnny Alf, o inesperado sempre faz uma surpresa. E em geral ruim. Torcer contra a lei de Murphy atualmente parece que não adianta muito: se algo tem chance de dar errado, pode ter certeza, vai dar mesmo. O pão do café da manhã de Lula tem caído diariamente com a manteiga para baixo.

A torcida para que Buratti esteja mentindo é tão grande hoje quanto a que houve em relação ao primeiro depoimento de Roberto Jefferson. A crença de que a verdade é apanágio dos virtuosos dificulta

De Tancredo@edu para Lula@com.br

ELIO GASPARI

Estimado presidente, Estamos aqui só nós dois, doutor Getúlio e eu. Ele o testa e assegura que o senhor não sabe que dia é hoje, pois confunde a história de nosso povo com a cronologia do governo de sua gente. Há 51 anos o presidente Vargas se matou com um tiro no peito. Eu tinha 44 anos e era seu ministro da Justiça. Nunca esqueci aquela noite no Palácio do Catete. Doutor Getúlio prefere não lhe falar, mas me autorizou a mandar-lhe esta mensagem. Ele a leu.

Antes de mais nada, para que o patriócio não embale ilusões, quero dizer-lhe que por cá sabemos de tudo. Coisas que só o senhor e o ministro Antonio Palocci sabem e coisas que o doutor Tarso Genro preferiria não saber. É com esse cabedal que lhe escrevo.

Seu governo acabou, sua lenda se diluiu e seu PT se divide entre patriotas perplexos, aproveitadores apanhados e mandriões dissimulados. Outro dia o marechal Castello Branco passou por aqui rindo muito. Ele diz que o senhor caiu na mão da política porque não reformou a máquina sindical corrupta que tanto denunciou.

O próprio Castello julga conveniente que lhe ofereça um caminho. Faça-o mais preocupado com as instituições nacionais do que com sua biografia. Serei claro até onde posso: quero preservar o mandato de um ci-

dadão escolhido pelo voto direto de 53 milhões de eleitores. Vou um pouco além: não podemos permitir que os brasileiros sejam governados, nem por um dia, por um presidente eleito indiretamente. Fui claro?

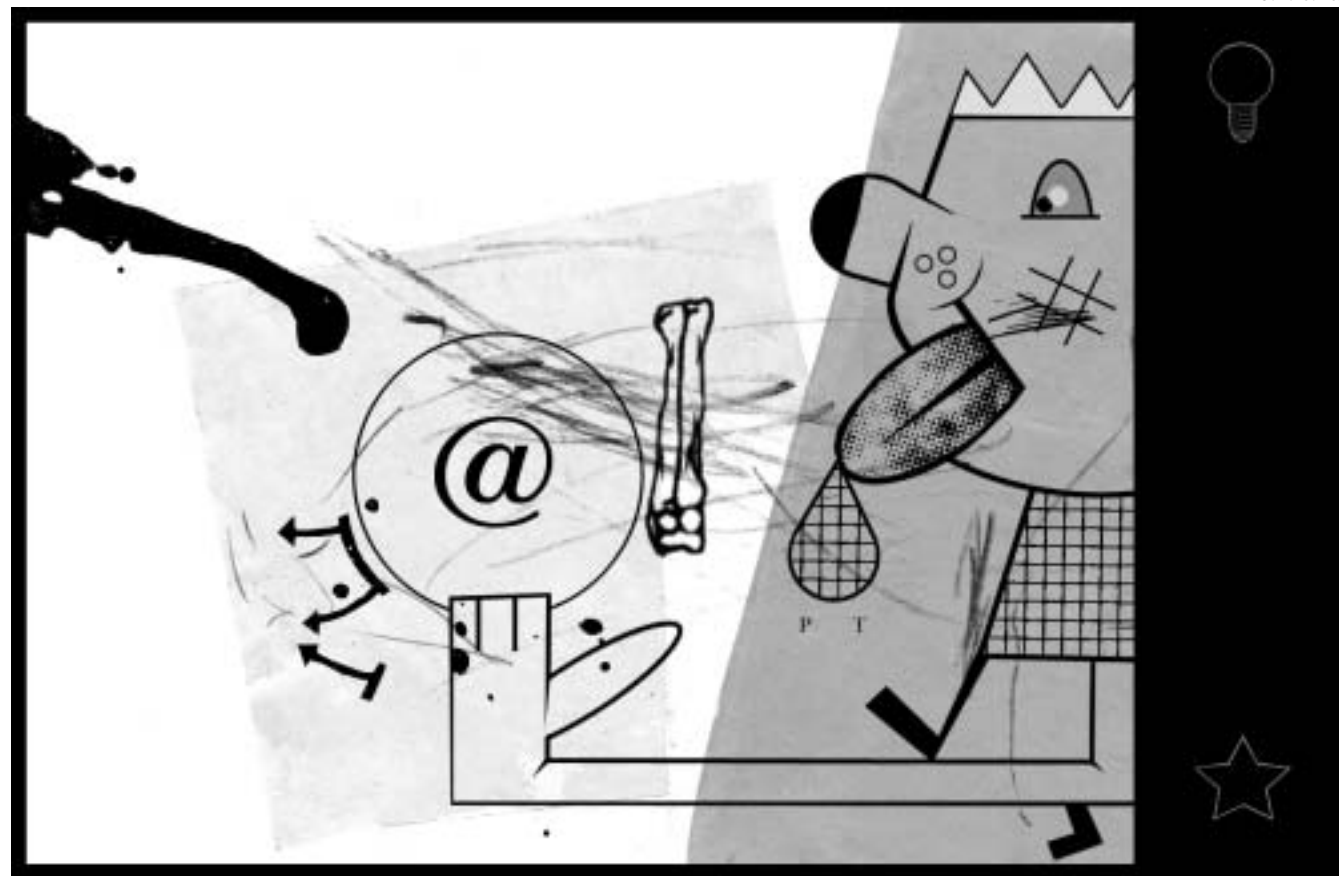
Sugiro-lhe o seguinte: desista da reeleição, mas não conte a nin-

guém, nem a Dona Marisa, a quem Risoleta manda suas lembranças. Faça do doutor Antonio Palocci o seu candidato. Sem trair os compromissos de sigilo que sou obrigado a cumprir, posso adverti-lo de que o ilustre ministro ainda tem muito lixão no caminho, sobretudo umas la-

tas de molho de tomate com ervilha. Não entendi o que isso quer dizer, mas nada me custa preveni-lo.

Seu tumultuado passado permite que vá ao povo lembrando que sempre condenou a reeleição, oferecendo-se ao julgamento da nação com a candidatura do doutor Palocci. É ver-

Cavalcante



dade que o senhor vai oferecer como futuro a negação de seu passado, mas essa escolha foi sua e, convenhamos, vosso passado foi uma invenção. Um pio desejo alheio.

Quando eu ia tomar posse, em 1984, calculei consumir o primeiro biênio com medidas impopulares. Pergunte ao Francisco Dornelles, o meu admirável sobrinho que coloquei no Ministério da Fazenda. O senhor fez coisa parecida, mas tomou gosto pelos aplausos da plutocracia e já se passaram quase três anos de ruína para a produção. O distinto amigo se tornou um militante do ardil, mas esse ponto é despiendo. O fato é que o doutor Palocci é hoje o preferido da banca, daqui e do Ultramar. Ao contrário do que sucedeu ao doutor Getúlio em 1954 e até ao Jango em 1964, a porta da direita está a sua disposição, generosa e grata. Tome-a, porque a da esquerda finou-se.

Não lhe prometo que esse caminho leve o doutor Palocci ao Planalto. Também não lhe digo que me deixei impressionar pela entrevista que ele deu no domingo. Asseguro-lhe, contudo, que a candidatura do ministro da Fazenda levará o estimado presidente de volta a São Bernardo sem que seu governo arraste ao descrédito as instituições nacionais.

Como humilde concidadão, subscrevo-me pela pátria
Tancredo Neves

ELIO GASPARI é jornalista.

Carta aberta da família Stang a Lula

DAVID STANG, MARGUERITE STANG HOHM, BARBARA STANG RICHARDSON, THOMAS STANG, JOHN STANG, MARY STANG HEIL, NORMA STANG e JAMES STANG

O assassinato de nossa irmã Dorothy Stang — mártir, Cidadã Paraense do Ano e agraciada com o Prêmio BOA de Direitos Humanos — por fazendeiros e madeireiros implacáveis e indiferentes às leis ainda é um choque terrível para todos nós, seus oito irmãos, assim como para milhares de irmãs da Ordem de Notre Dame em todo o mundo, para a CPT, o MST, o CNS e milhões de cidadãos respeitadores da lei que amam o Brasil.

Dorothy Stang foi uma grande bênção de Deus a seu país. Ela acreditava no senhor, em seu governo, suas leis, seu povo e na grande Floresta Amazônica. Dorothy dedicou 39 anos aos pobres, aos sem-terra e aos marginalizados do Brasil. Aos 73 anos de idade, ainda lutava pelo direito dos pobres de fazer parte da sua grande economia brasileira — mas era ridicularizada por pessoas que desprezam a lei, madeireiros, pistoleiros, o prefeito e a estação de rádio de Anapu, a polícia local, seus funcionários corruptos no Incra e no Ibama e o consórcio de fazendeiros que, na opinião de muitos, pagou aos pistoleiros para assassinar nossa irmã. Embora tenha recebido muitas ameaças de

morte nos últimos anos de sua vida, nossa irmã continuou, corajosa, no caminho da justiça e da verdade, nunca hesitando diante da tarefa monumental que se colocara.

Os senadores encarregados de investigar o assassinato de Dorothy recomendaram que o caso dela fosse levado à Justiça federal. Juntaram-se a sua recomendação a família Stang, as Irmãs de Notre Dame de Namur e a comunidade internacional. Ficamos chocados e consternados ao ouvir, em 9 de junho, a decisão unânime do Supremo Tribunal de Justiça rejeitando a federalização do caso. Se esse não é o tipo de caso que merece chegar à esfera federal, não se sabe qual caso o seria, em vista do longo histórico de impunidade no Pará. Será que pode haver alguma dúvida de que o caso de Dorothy diz respeito ao abuso de direitos humanos? Que provas o Pará nos ofereceu de que a justiça será feita? Que apoio o Pará está dando aos pobres e sem-terra?

Nós o desafiamos a mostrar que o senhor apresentou os melhores argumentos possíveis para defender a federalização do caso de nossa irmã.

Imediatamente após a morte de nossa irmã, o senhor prometeu ao

mundo enfrentar a impunidade no Pará. Ao mesmo tempo em que nos sentimos reconfortados ao ouvir seu compromisso de castigar os assassinos de nossa irmã e destinar terras aos sem-terra e às áreas de conservação, temos visto muito poucas ações concretas. Consta que, em abril, a rádio de Anapu teria declarado que Dorothy era má e que as tentativas feitas por algumas pessoas de terem

Dorothy morreu esperando que o senhor levasse liberdade aos pobres do Brasil

suas terras legalizadas seriam barradas. Em fevereiro, na Câmara Municipal de Anapu, na presença de seus cinco senadores, que estavam investigando o assassinato de Dorothy, um representante de madeireiros e fazendeiros acusou o senhor, Sr. presidente, de matar nossa irmã. Isso não é impunidade?

As palavras custam pouco, Sr. presidente.

Nossa irmã sacrificou sua vida por uma reforma agrária igualitária que garantisse aos pobres e sem-terra uma maneira viável de colocar comida em suas mesas e lhes empodera, como atores-chaves de seu próprio desenvolvimento e participantes plenos na democracia brasileira. Dorothy buscava transformações estruturais que combatessem as raízes da pobreza, da fome e da injustiça so-

cial, buscando desfazer a desigualdade que rouba dos sem-terra a dignidade e qualquer esperança de um amanhã melhor. Por que apenas aqueles que desprezam as leis devem sentir que têm direitos?

Dorothy nos escreveu sobre sua esperança de que o senhor fosse até Anapu para tomar conhecimento de seu trabalho com os Projetos de Desenvolvimento Sustentável. Sua dedicação e seu amor pelo Brasil lhe davam forças; ao mesmo tempo em que nunca abriu mão da esperança de que algum dia haveria uma reforma agrária igualitária, ela morreu esperando que sua morte corajosa impelisse o senhor e seu governo a levar liberdade aos pobres e marginalizados do Brasil. Será o senhor, Sr. presidente, que veio de família pobre, aquele que os ajudará a ingressar na economia do Brasil como pessoas livres, e não como escravos dos brutais fazendeiros e madeireiros?

Sr. presidente, o senhor não vem utilizando sua influência considerável para combater a corrupção no Incra e no Ibama. Nossa irmã nos contou que nutria grandes esperanças para essas organizações. O senhor tampouco buscou o financiamento vital e necessário do Banco Mundial e outros grandes doadores que possibilite a reforma agrária defendida pela CPT, o CNS e o MST. Porque o senhor não respondeu a esses desafios, não irá cumprir sua promessa eleito-

ral de assentar 430 mil famílias de sem-terra.

Em nome de nossa irmã assassinada, nós o desafiamos a trabalhar com os movimentos sociais e a assumir uma postura firme diante do Banco Mundial e dos grandes doadores, pedindo o financiamento necessário para a reforma agrária defendida pela CPT, o MST e o CNS, que empodera os pobres e sem-terra.

Dorothy Stang deu sua vida a seu povo para ver nascerem transformações sistêmicas e novos modelos de crescimento. Ela é uma mártir, uma santa e uma grande esperança para seu povo, não alguém a ser zombada por pessoas corruptas e impiedosas que aguardam para destruir a Floresta Amazônica e escravizar os pobres e os sem-terra. Dorothy amava o povo brasileiro e não tinha medo de falar abertamente em favor do que é certo e justo. Não podemos esperar o mesmo do senhor?

Estamos contando com o senhor para assumir a postura crítica e fazer o que é certo.

Temos grandes esperanças no senhor, em seu governo e sua população. Aguardamos com prazer a possibilidade de o encontrarmos quando o senhor tiver respondido a esses desafios.

N. da R.: Roberto DaMatta volta a escrever neste espaço em setembro.